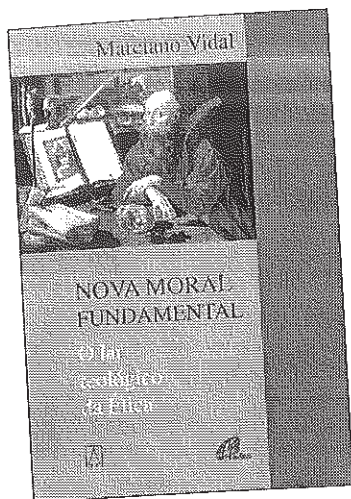


NOVA MORAL FUNDAMENTAL: O lar teológico da Ética



Este lançamento em co-edição Paulinas/Santuário traz ao público brasileiro o mais recente trabalho de fôlego do renomado teólogo espanhol Marciano Vidal. Em suas quase mil páginas de uma exposição clara e didática, a obra propõe-se a oferecer as referências propriamente teológicas da vida cristã, bem como um adequado tratamento da base epistemológica do discurso teológico-moral.

Em vez do costumeiro ranço moralista das obras de outrora, o autor repropõe a nova disciplina da Moral Fundamental de forma a deixar transparecer no cerne do cristianismo um agradável e fecundo lar para a Ética contemporânea. Para tanto, o livro desdobra-se em quatro partes. As três primeiras expõem a oferta da Teologia à Ética em três momentos e mediante três categorias básicas: a teologalidade (o desígnio de Deus), a eclesialidade (o tempo da Igreja) e a mundanidade (o cenário do mundo). A quarta e última parte defronta-se, de maneira apurada e original, com a questão da constituição do discurso teológico-moral.

Como o leitor poderá constatar, uma obra indispensável que, sem dúvida, logo será reconhecida como um clássico em sua área de saber.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

TELEMARKETING
0800-7010081
www.paulinas.org.br

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Profa. Dra. Ione Buyst

Muitos autores já ressaltaram o fato: a “participação” de todo o povo de Deus é como que um “refrão” que se repete ao longo da *Sacrosanctum Concilium* (SC) e é certamente a preocupação básica de toda a renovação litúrgica conciliar. Pouco mais de um mês após a promulgação do documento conciliar, o papa Paulo VI, apressando os bispos e padres para que colocassem em prática as orientações do Concílio, caracterizou esta participação como sendo “corporal e espiritual”¹.

Com esses dois termos conjugados, como que numa “dobradinha” inseparável, estamos no âmago da questão que queremos tratar aqui: a espiritualidade litúrgica “casada” com a ritualidade. A experiência de Deus e do mistério pascal na liturgia é uma “experiência ritual” que leva a sério e passa necessariamente pela corporeidade. A liturgia e a espiritualidade na qual está banhada tanto supõem uma antropologia na qual corpo, alma, mente e espírito formam uma unidade, como requerem uma teologia que leve a sério a liturgia enquanto ação ritual.

1- Parto do conceito de espiritualidade cristã como “vida no Espírito de Jesus Cristo”. É vida de seguimento de Jesus, na força do Espírito; vida de comunhão com o Pai por meio de Jesus Cristo, sob a ação do Espírito Santo. É a vida cotidiana, familiar, profissional, social, política etc. vivida não mais seguindo a “carne”, mas seguindo o Espírito Santo, que foi derramado sobre nós. (Vale notar: nos escritos paulinos — por exemplo, Rm 8,1-17; 1Cor 15,35-44; Gl 5,13-26 — a “vida no Espírito” é descrita em oposição à “vida na carne”, não em oposição ao corpo, à matéria, à história etc., como uma leitura dualista induziu durante séculos). É preciso pautar nossa conduta pelo Espírito

¹ Motu Proprio de 25 de janeiro de 1964. In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 83.

(cf. Gl 5,25), como fez Jesus, o Ungido pelo Espírito. Portanto, vida espiritual, ou espiritualidade, não pode ser entendida como um compartimento estanque, desligada das outras atividades da vida humana; é uma maneira de viver todas as dimensões humanas. A Igreja latino-americana entende muito bem isso. Nos últimos decênios, exercendo sua missão espiritual, ela tem-se declarado e posicionado em diversas situações sociais e políticas. No entanto, podemos, e devemos, sim, ter momentos específicos para alimentar a vida espiritual. O momento mais forte e indispensável é a liturgia. Diz o documento conciliar: A liturgia “é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão” (SC 14).

2- Afinal, onde nos é dado o Espírito de Jesus Cristo, que nos permite viver no seguimento de Jesus Cristo? O Espírito sopra onde quer (cf. João 4). No entanto, a quem deseja fazer parte da comunidade cristã, é oferecida uma pedagogia que nos leva progressivamente a nos deixar possuir pelo Espírito. Há um momento de evangelização e catecumenato, seguidos dos sacramentos da iniciação cristã. “Fomos todos batizados em um só Espírito, para ser um só corpo (...)” (1Cor 12,12). O batismo significa e realiza nossa inserção no corpo de Cristo e nossa comunhão com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Na confirmação (sacramento da crisma) nos é dito: “Recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus”. Em cada celebração eucarística, invocamos o Espírito sobre os dons do pão e do vinho, para que se tornem para nós corpo e sangue de Cristo e para que, comendo e bebendo deste pão e vinho, nos tornemos um só corpo em Cristo. E assim, identificados com ele, feitos participantes de seu mistério pascal, somos levados a viver da maneira como afirma o apóstolo Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20). E também, procuramos “trazer sempre no nosso corpo os sofrimentos da morte de Jesus, para que sua vida se revele em nossa carne mortal”². Ao longo do ano litúrgico e em cada um dos sacramentos e sacramentais, nas celebrações da Palavra e no Ofício Divino (Liturgia das Horas) etc., é realizada e aperfeiçoada esta

² SC 12; cf. 2Cor 4,10-11.

participação no mistério pascal de Cristo naqueles que participam da ação litúrgica com as disposições necessárias. Portanto, para os cristãos, a vida espiritual está ancorada na participação na liturgia. Os “exercícios espirituais” consistem na participação nas ações litúrgicas.

3- Em que se fundamenta a “dobradinha” ritualidade/espiritualidade, ou ação ritual/ação do Espírito Santo? Em primeiro lugar, na natureza do ser humano, criado por Deus como “uno e integral: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS 3). O corpo é mais que ossos, músculos e nervos numa relação mecânica. Talvez seja melhor falar em “corporeidade”. Somos uma realidade complexa com dimensões biológicas, psíquicas, mentais, espirituais, profundamente unidas entre si. Há muito tempo, vários ramos das ciências exatas (por exemplo, a física quântica) e humanas (por exemplo, a neuropsicologia, a neurolinguística) aprofundam a unidade entre cérebro e mente, matéria e espírito e corroboraram, assim, a sabedoria de tradições espirituais para as quais espírito e matéria formam como que duas dimensões de uma única realidade. Assim o expressa Aldo Natale Terrin:

Está acontecendo em nossos dias um encontro, estranho mas sintomático, entre as ciências físicas, que abandonaram a arrogância, e as ciências psicológicas e do espírito. Com o advento da ciência quântica sobre a matéria, tudo volta a ser discutido. Todos concordam que é preciso falar de probabilidade, de ondas de probabilidades e *do espírito que parece aninhar-se dentro da matéria* (grifo meu), do qual não se consegue descobrir a natureza³.

Leonardo Boff, falando sobre teologia cósmica, sintetiza:

A matéria não é “material”, mas um campo altamente sutil de inter-retro-relações. (...) O espírito é a capacidade de interatividade de tudo com tudo. Ele penetra o cosmo. (...) O universo é autoconsciente e perpassado de

³ TERRIN, A. N. A doença? Síndrome de desarmonia do espírito; tratado sobre religiões antigas e novas. In: *Liturgia e terapia; a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 230.

espírito. Bem dizia o mestre inesquecível Karl Rahner: o corpo é a expressão espaço-temporal do espírito que está no cosmo e em Deus⁴.

Em segundo lugar, a relação inseparável ritualidade/espiritualidade se baseia ainda na afirmação de nossa fé de que Deus, o Eterno, se fez homem em Jesus de Nazaré. Colocou-se ao alcance de nossas mãos, de nossos ouvidos e de nossos olhos para que pudéssemos — olhando, ouvindo e tocando — viver em comunhão com ele (cf. 1Jo 1,1-4). Depois de sua morte-ressurreição, o contato com ele se faz na comunidade (Igreja), principalmente nas ações litúrgicas (cf. SC 7). Ambrósio dizia: “Eu te encontro nos teus mistérios”, e Leão Magno: “O que era visível em nosso Redentor passou para os mistérios”, isto é, a eucaristia, os outros sacramentos, os sacramentais e a liturgia de modo geral. Trata-se da estrutura sacramental de nossa fé.⁵ No campo da experiência, sabemos que, tocando o corpo, tocamos a pessoa com sua sensibilidade, sua capacidade de pensar, se relacionar, amar e odiar etc. Assim também, comendo e bebendo o pão e o vinho da ação de graças (eucaristia), tocamos o mistério de Cristo e nos tornamos uma só coisa com ele e, por ele, com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

4- Todavia, a participação corporal/espiritual não é algo que se realiza automaticamente. Não basta estar presente ou “sofrer” a ação ritual para termos parte na vida do Espírito que nos é oferecida. Antes de tudo, é preciso uma atitude de fé, de ir em busca e abrir-se à ação de Cristo, o qual nos oferece participação em sua vida pascal. A liturgia não somente supõe a fé, mas também a alimenta, fortalece e exprime (cf. SC 59). A fé vem da escuta da Palavra, seja nas etapas da evangelização e da catequese, seja na liturgia da Palavra para os já iniciados. Depois, “é necessário que os fiéis se acerquem da sagrada liturgia com disposições de reta intenção, adaptem a mente às palavras, e cooperem com a graça divina para não recebê-la em vão, (...)

⁴ BOFF, L. Teologia sob o signo da transformação. In: SUSIN, L. C. (org.) *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. Porto Alegre: SOTER; São Paulo: Loyola, 2000. p. 233-240, aqui, p. 239.

participem com conhecimento de causa, ativa e frutuosamente” (SC 11). Só assim, o amor de Cristo poderá purificar e animar nosso coração, nosso corpo e nossa mente, e fazer com que a atitude espiritual adquirida e aperfeiçoada nas ações litúrgicas se prolongue na vida cotidiana, na ética, no testemunho na sociedade. Ou seja, a memória da morte-ressurreição de Jesus, celebrada na liturgia, é “encarnada” em nosso ser a tal ponto que nos faz “sempre trazer em nosso corpo a morte de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nossa carne mortal” (SC 11), pela atuação do Espírito do Senhor. Comparemos com a seguinte definição de T. Goffi:

Homem espiritual é aquele que percebe a força do Espírito como um componente de si mesmo [e não como algo exterior a si]; é quem vive o devir pascal em Cristo como uma experiência interior própria; é quem vive o dom da caridade como amadurecimento íntimo⁶.

Tudo isso supõe participação na vida e missão eclesial, para que a páscoa aconteça, para que se estabeleça o Reino de Deus no mundo.

5- Para compreender melhor a atual dicotomia entre ritualidade e espiritualidade, recorramos à história⁷. No início do cristianismo, e na época patrística, não havia separação entre vida espiritual (devoção) e liturgia. Por exemplo, no monaquismo, imitar Cristo e viver a celebração litúrgica são na realidade a mesma coisa. A partir dos séculos III e IV, começa o divórcio entre liturgia e devoção; do século X em diante, com a teologia escolástica, surge o divórcio também entre teologia e liturgia. Nasceram várias “escolas” de

⁵ Cf. Ione BUYST. Alguém me tocou! Sacramentalidade da liturgia na *Sacrosanctum Concilium* (SC), Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia. *Revista de Liturgia*, mar./abr. 2003.

⁶ GOFFI, T. Homem espiritual. In: FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 513.

⁷ Para todo este parágrafo, ver: AUGÉ. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 343-346; NEUNHEUSER, B. *Espiritualidade litúrgica*. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 370-388.

espiritualidade, sem ligação com a liturgia: São Francisco se concentra no presépio e na cruz; Inácio de Loyola aceita qualquer tipo de piedade de seu tempo e mostra repulsa à oração comunitária; com Teresa de Ávila, os termos teológicos e cristológicos da tradição adquirem sentido psicológico (cf. A. Stolz); Francisco de Sales supera o individualismo, porém, não chega à espiritualidade propriamente litúrgica. Mais tarde surgem no horizonte cultural o Iluminismo, o racionalismo etc., com suas desconfianças para com símbolos, ritos, devoções etc. (de modo mais acentuado nas Igrejas protestantes que na católica). No final do século XIX e início do século XX surgem tentativas significativas de “re-unir” liturgia e devoção (piedade, mística), liturgia e teologia: Guéranger (*L'Année Liturgique*); Pio X (*Tra le sollecitudini*: o verdadeiro espírito cristão deve brotar da participação ativa na liturgia); Lambert Beauduin (*La piété de l'Église*) e todo o Movimento Litúrgico; Pio XII (*Mediator Dei*: a liturgia é de natureza teológica, não é só exterioridade); Vaticano II (*Sacrosanctum Concilium*). Na América Latina, a prática das CEBs recupera a relação entre liturgia e vida, entre liturgia e piedade popular; os documentos de Medellín e Puebla confirmam e estimulam essa relação.

6- Na prática, como unir espiritualidade e ritualidade? Como crescer espiritualmente pela participação na liturgia? Como estabelecer a ponte entre liturgia, oração pessoal, devoção, trabalho, missão, compromisso com a transformação da sociedade? Como passar do conhecimento racional para o conhecimento experiencial da relação inseparável entre espiritualidade e ritualidade? Como vivenciar essa relação? O termo que cabe aqui é: experiência litúrgica⁸. Entendo a experiência litúrgica como sendo uma experiência espiritual (de comunhão com Deus em Cristo, no Espírito, de configuração com o Cristo em sua morte-ressurreição), mediante a participação (corporal/espiritual) na ação ritual, ou seja, mediante uma experiência ritual, que nos levará a uma participa-

⁸ Cf. BUYST, I. Experiência litúrgica. In: ————. *Pesquisa em liturgia*: relato e análise de uma experiência. São Paulo: Paulus, 1994. cap. 1; ————. Barro e brisa, convite à experiência religiosa ritual. In: ANJOS, M. F. dos (Org.). *Teologia em mosaico*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 235-247.

ção cada vez mais comprometida na missão dos discípulos e discípulas de Cristo na sociedade atual. Podemos falar também de liturgia como iniciação e como mistagogia: “assimilação experiencial do mistério por parte da pessoa, em pensamento, sentimento e práxis”⁹. O assunto é vasto¹⁰. Traço apenas algumas pistas¹¹. Antes de tudo, trata-se de procurar uma nova relação com nosso corpo e, a partir daí, uma nova maneira de viver a relação com a palavra (de Deus e da Igreja), com as ações simbólicas, as pessoas, o espaço, a música; quero destacar ainda a importância do ano litúrgico na espiritualidade.

7- Nova relação com o corpo. Não basta um conhecimento racional da antropologia apontada acima. É preciso desenvolver a percepção, a consciência da unidade (inteireza) de nosso ser, com suas várias dimensões: corporal, mental, afetiva e espiritual, sendo que a dimensão espiritual comanda as demais. Isso exige treino, ascese, pedagogia. No Centro de Liturgia criamos, há quase quinze anos, uma técnica pedagógica que denominamos “laboratório litúrgico”¹² para nos ajudar nesse trabalho de unificação. No cerne dessa técnica está a vivência da unidade entre gesto corporal, sentido teológico-litúrgico, afetividade e atitude espiritual. De fato, cada ação simbólica é uma palavra tornada gesto e precisa ser vivida como tal. O gesto revela a pessoa e cria relação. Há gestos de Cristo que vêm ao nosso encontro, e há gestos da comunidade que respondem aos gestos de Cristo; ambos existem para expressar e alimentar as relações de aliança entre Deus e a comunidade de

⁹ SALVADOR, F. R. Mediações. In: FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 304.

¹⁰ Leia mais em: BUYST, I. *Cristo ressuscitou*: meditação litúrgica com um hino pascal. São Paulo: Paulus, 1995. (Liturgia e teologia); CENTRO DE LITURGIA da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Sra. da Assunção. *Espiritualidade litúrgica*. São Paulo: Paulus, (no prelo). (Cadernos de liturgia).

¹¹ Vejam exemplos práticos em: BUYST, I. *Liturgia, de coração, espiritualidade da celebração*. edição atualizada. São Paulo: Paulus, 2003.

¹² Vejam: ORMONDE, D. Laboratório litúrgico. In: CENTRO DE LITURGIA da Faculdade de Teologia Nossa Sra. da Assunção. *Formação litúrgica: como fazer?* São Paulo: Paulus, 1994. (Caderno de liturgia, 3), p. 36-41; BARONTO, L. E. *Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Salesiana, 2000.

fé. É que, para nós, cristãos, a mística do corpo está no fato de ser ele templo do Espírito Santo. Por isso, aprendemos a realizar cada ação ritual com o máximo de atenção, de presença, de consciência do corpo em sua relação com a mente, com o afeto, com o espírito e com o Espírito, com o mistério que habita cada ação ritual. O importante é fazer, aprender fazendo, buscando atingir a realidade espiritual do gesto litúrgico. Trabalhamos sempre com “re-cortes”, pequenas unidades de uma determinada celebração ou ação ritual. Procuramos ajuda de profissionais de outras áreas, como teatro, psicodrama, dança, terapia corporal etc.

8- A relação espiritual com o corpo desdobra-se na maneira de nos relacionar com a palavra de Deus na liturgia. O recente “re-encontro” com a *lectio divina* (leitura orante), seu incentivo por documentos eclesiais (por exemplo, DV 25) e sua recuperação em alguns ambientes (vida religiosa; leitura popular da Bíblia nas comunidades de base) nos ajudam a redescobrir o caráter espiritual da liturgia da palavra. As leituras bíblicas são proclamadas e interpretadas não para passar informações sobre Deus ou levar a um conhecimento racional, mas para possibilitar a experiência comunitária do encontro com a Palavra Viva de Deus, Jesus Cristo e assim dar sentido e direção à nossa vida pessoal e social. Não cabe o formalismo frio e vazio de leituras feitas “em carreira”, de “homilias” inconsistentes e cansativas ou reduzidas a informações arqueológicas e exegéticas. Como os discípulos de Emaús, somos chamados a renovar nossa fé e nossa vida no encontro com o Ressuscitado, e dizer com eles: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as escrituras?” (Lc 24,32).

9- À palavra ouvida, devemos responder com nossas orações e nossos cânticos. É a eucologia, a palavra da Igreja no diálogo da aliança. Mas devemos responder à altura: deixar “ecoar” a própria palavra de Deus. Não temos o direito de desviar do assunto, despejando sentimentos religiosos a gosto de alguns animadores, compositores e cantores desrespeitosos ou desconhecedores da tradição de nossa fé¹³. Aqui, de novo, podemos aprender com o método da

¹³ Vejam o artigo de José Fernandes de Oliveira (padre Zezinho) na revista *Família cristã*, janeiro de 2003, com o título “Invadiram a missa”.

lectio divina: é a palavra de Deus meditada, saboreada, que faz nascer em nós, pela ação do Espírito Santo, a oração e a contemplação, o louvor e a ação de graças, a súplica e a intercessão, de acordo com o coração de Deus¹⁴. Há espaço para orações que nascem espontaneamente, há orações e cantos que já vêm codificados por gerações anteriores. Qualquer que seja a origem, o importante é que sejam vividos espiritualmente e que nossa mente e nosso coração acompanhem aquilo que nossa boca proclama. Até mesmo no silêncio deveremos estar atentos aos gemidos infáveis do Espírito (cf. Rm 8,26).

10- O espaço litúrgico expressa o mistério “materializado” em pedra, madeira, formas, cores etc. Devemos aprender a nos relacionar, portanto, com esse espaço, reconhecendo o mistério que ele “re-presenta” simbolicamente. Passar pela soleira da porta é buscar a face do Deus vivo, que se manifesta na comunidade reunida, na Palavra, no pão e no vinho. Inclinarse diante do altar e beijá-lo expressa as relações de aliança entre a comunidade (esposa) e o Cristo (esposo). Subir à estante e proclamar uma leitura significa deixar-se “engravidar” pelo Espírito, para poder “dar à luz” a Palavra de Deus.

11- Participar da assembléia litúrgica com seus ministérios requer que nos exercitemos na vivência do novo mandamento de Jesus: “Amem-se uns aos outros como eu amei vocês... Não chamem ninguém de pai, mestre e senhor... Estou entre vocês como aquele que serve...” Devemos atuar como membros de um só corpo comunitário, em sinergia com o Espírito do Ressuscitado: cantar, dialogar, orar juntos(as); reconhecer e adorar o Cristo uns nos outros. Quem exerce a presidência ou qualquer outro ministério deve, em sua atitude e maneira de agir, passar uma imagem de Cristo Servidor. Levar tudo isso a sério requer muita atenção e ascese.

12- Por fim, cabe uma palavra sobre a importância do ano litúrgico na espiritualidade. Os tempos e as festas que voltam a cada ano, com as mesmas leituras, os mesmos cantos etc. permitem que avancemos no processo pascal

¹⁴ Sobre a meditação litúrgica com textos litúrgicos, vejam: BUYST, I. *Cristo ressuscitou: meditação litúrgica com um hino pascal*. São Paulo: Paulus, 1995. (Liturgia e teologia); sobre a espiritualidade da música ritual litúrgica, vejam: BUYST, I. *Pesquisa em liturgia: relato e análise de uma experiência*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 34-37.

de nossa identificação com Cristo, até atingirmos “o pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de ser humano perfeito, à ‘estatura’ da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Cada celebração se inscreve nesse processo e existe em função disso: trata-se da recriação de nosso eu segundo o Espírito de Deus¹⁵.

13- Sintetizando, podemos ficar com as seguintes definições de “espiritualidade litúrgica”: é a vida cristã que se nutre, amadurece, se aperfeiçoa e chega à maturidade (santidade) através da participação na liturgia¹⁶. É

A atitude permanente ou um estilo de vida cristão baseado na assimilação ou identificação com Cristo, produzidos pelo batismo e pela confirmação e a seguir nutridos pela plena participação na eucaristia, nos sacramentos em geral e na oração da Igreja (Ofício Divino, Liturgia das Horas); tudo isso no âmbito fundamental do ano litúrgico e seguindo o ritmo cíclico que lhe é próprio¹⁷.

Portanto, a espiritualidade não fica restrita ao momento celebrativo (perigo de “liturgismo”), mas tem na participação na ação litúrgica sua indispensável fonte, a partir da qual é irrigada toda nossa vida cristã, pessoal e comunitária.

14- Para celebrarmos com dignidade o 40º aniversário da SC, termino com uma sugestão desafiadora: assumamos, individualmente e como Igreja, o compromisso de pautar nossa vida espiritual na participação na liturgia; que os assim chamados “exercícios espirituais” (retiro, direção espiritual, revisão de vida etc.) se façam sempre tendo como referência principal a participação corporal/espiritual na liturgia.

Profa. Ione Buyst é Doutora em Liturgia.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção.

¹⁵ Cf. GOFFI, T. Homem espiritual. In: FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1989.

¹⁶ Cf. CERVERA, J. C. *Liturgia y vida espiritual*: curso de espiritualidad litúrgica fundamental. Madrid: Instituto de espiritualidad a distancia, adscrito al Teresianum de Roma, 1984.

¹⁷ AUGÉ. *Liturgia*: história, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 339.

FOME ALÉM DA FOME BIOLÓGICA

Prof. Dr. Renold J. Blank

1. DAR COMIDA NÃO SACIA A FOME EXISTENCIAL

Estamos acostumados ao ouvir as estatísticas sobre o número das pessoas com fome. Conhecemos as fotografias de crianças famintas e concordamos que os seus autores sejam premiados, mesmo quando tal prêmio em nada contribui para a melhoria da situação daquelas crianças.

Estamos todos de acordo com iniciativas como o Fome Zero, e, quando solicitados, fundamentamos tais programas até com argumentos teológicos irrefutáveis.

Diante disso, poderíamos pensar que, passo a passo, a conscientização está aumentando e a fome diminuindo, e que isso se concluirá se não de imediato, pelo menos a médio prazo.

Enquanto, porém, ainda distribuimos cestas básicas e até elaboramos estudos sobre as causas estruturais e conjunturais da fome, somos de repente confrontados com uma manifestação de fome que nenhuma cesta básica e nenhum programa de alimentação poderá saciar:

- a fome pelo sentido;
- a fome por valores que ultrapassam nosso estômago;
- a fome pela felicidade que só poderia ser alcançada por experiências de amizade, de compaixão, de solidariedade e de convivência amorosa;
- a fome de ser reconhecido na dignidade de ser humano.

Enquanto ainda celebramos o sucesso dos programas diocesanos de alimentação, está crescendo diante de nossos olhos esta outra fome em dimensões sem precedentes. Ela não se expressa por crianças subnutridas nem através de imagens chocantes de mendigos. Mas é fome também, pior e mais